**Universidade de São Paulo**

**Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”**

**Departamento de Economia, Administração e Sociologia**

 **LSF0270 – Educação Ambiental**

**Nome:** Bruna Rodrigues de Almeida **– nº USP:** 8578329

**Atividade 2 e 3. Utopias interiores e a construção do imaginário: criando vínculos a partir de histórias e do lugar**

 Acredito que todos nós, em algum ponto da infância e até mesmo durante a vida adulta (aqui se tivermos a sorte de não nos terem podado todo o potencial criativo) criamos utopias, mesmo que não saibamos colocá-las na compreensão das letras e das sílabas ajustadas, explicáveis a outros ouvidos. Utopizamos desde cedo sem saber. Criamos mundos imaginários a partir do lugar e das referências que recebemos. E se investigarmos a origem da palavra utopia, iremos nos deparar com a importância do lugar sobre tudo aquilo que concebemos: utopia, em grego, é o “*lugar que não existe”.*

 A utopia tida como o ato de recriar e co-criar, reconstruir e construir em conjunto, costuma dialogar com elementos do imaginário construídos ao longo da trajetória de vida do indivíduo. Isso tem se demonstrado de modo particularmente claro em minha vida quando olho para minhas raízes e noto o quanto a tradição de contar e criar histórias em minha família foi um fator decisivo para que nos conectássemos com o nosso meio, criássemos vínculos com ele e nos identificássemos enquanto comunidade. Há origens indígenas em minha família que justificam essa ligação, mas elas foram lentamente se perdendo quando migramos para a cidade e abandonamos nossas práticas de contato e cultivo com a terra, nossa conexão verbal e a capacidade de sonhar, de criar mitos e símbolos. A sociedade ideal para nós era aquela em que tínhamos identidade e referências estáveis e seguras, harmonia na convivência e humildade perante as coisas que não compreendíamos, e não a que projetávamos para fora das nossas fronteiras, como muitos romancistas utópicos projetaram pela influência política na qual concebem suas histórias, com anseios de liberdade e justiça social.

 Minha geração já recebeu poucos resquícios do quão importante eram a ligação e identificação com a pedagogia do lugar, do ser e do estar em comunidade. Creio que nenhum de meus irmãos, por exemplo, conhece o ciclo de plantio e colheita de alguma cultura agrícola. E eu também talvez não conhecesse se não tivesse me interessado por biologia desde cedo, e trilhasse o trajeto que me conduziu até essa escola.

 Ao longo dessa trajetória, entretanto, eu me desiludi com a rígida separação das disciplinas acadêmicas e com o distanciamento da universidade com relação ao potencial criativo de seus estudantes. Sufocamos a memória e os saberes antigos. Sufocamos a ligação do nosso intelecto com o ambiente circundante. Sufocamos a arte do ser e do criar. E isso para mim, que cresceu cercada de histórias e referências da ligação e do cuidado com o lugar, é asfixiante. Até mesmo na ciência, pela qual nutro certa simpatia na geração de conhecimento, possui entraves desestimulantes para a geração da criação e da inovação, uma inovação que dialogue sobretudo com a sociedade na qual será produzida.

 Na nossa sociedade, na qual as metáforas dominantes são a mercadoria e o mercado, nós vemos o conhecimento como algo a ser agarrado, possuído e controlado. Aldous Huxley, quando descreve em *Admirável mundo novo* o doutrinamento de crianças para uma cidadania padronizada, apesar de parecer distópico em uma sociedade projetada para um futuro (nem tão talvez) distante, dialoga com elementos já existentes em seu interior: o distanciamento das relações, a falta do sensibilizar e da sensibilidade, o ensinar que não vem acompanhado do contato com a história do eu. Nesse universo, criar é uma atitude condenável. Mais do que isso, é uma atitude de rebeldia e, muitas vezes, um ato perigoso contra a ordem estabelecida. Muitos textos doutrinantes exortam para ações nesse sentido, em busca de uma sociedade ou modelo de organização que defendem como ideal. O mais próximo de nós e popularizado é a Bíblia. Nela, a busca pelo sentido de pertencimento e de um lugar prometido são constantemente referenciados.

 Histórias, em meio ao caos e incompreensão de um mundo com tantas conexões mas desconectado, permitem que você crie um mundo, o povoe, e o olhe através de outros olhos. Você sente coisas, visita lugares e mundos que jamais conheceria de outro modo. Aprende que qualquer outra pessoa lá fora também é um. Você está sendo outra pessoa, e quando volta ao seu próprio mundo está ligeiramente transformado. Empatia é uma ferramenta para unir pessoas e grupos, e permite que funcionemos como mais que indivíduos obcecados por nós mesmos. Através delas, podemos refletir sobre nossa conduta e criar novos e indestrutíveis vínculos. Podemos preservar não só palavras e personagens, como culturas e ambientes.

 Evidentemente, o poder da empatia gerado por histórias é algo moralmente neutro. Podemos usar esta habilidade tanto para manipular ou controlar, como simplesmente para compreender ou simpatizar. A respeito disso, Lewis Mumford, no livro *Utopia, the city, and the machine*, alerta:

 *“A inteligência abstrata, operando com seu próprio aparato conceitual no campo ao qual ela própria se restringiu, é na verdade um instrumento de coerção: um simples fragmento arrogante da personalidade humana, determinada a recriar o mundo nos seus próprios termos simplificados, rejeitando intencionalmente interesses e valores incompatíveis com as suas próprias crenças e, com isso, privando-se de qualquer uma das funções de cooperação e geração de vida – sentimento, emoção, espirituosidade, exuberância, capacidade de fantasiar – em resumo, as fontes que liberam a criatividade imprevisível e incontrolável.”*

 Nossa liberdade e emoções internas estão, pouco a pouco, sendo silenciadas. Perdemos muito ao não nos alinharmos mais nossa existência ao natural, aos ciclos, ao tempo da natureza. Estamos tão apressados na busca de algo não palpável que paramos de admirar a beleza do “não saber”, do apenas admirar. Um apelo que pode ficar aos vivos (em referência ao mundo de desordem descrito no livro de Roger Garaudy), diante da finitude da vida, é que nos reconectemos com as melhores motivações dentro de nós para pensarmos o que deixaremos para as gerações futuras: extraímos e exploramos o que podíamos das entranhas da terra para acumular riquezas, mas não trabalhamos em nossa riqueza interior. Precisamos projetá-las para fora em prol da defesa do meio ambiente, da igualdade, do diálogo e da harmonia. E isso parte de uma educação que acontece em tempo integral, em comunidade, com reflexão e contato humano. O mundo inteiro, nesse sentido, é um professor.

 Nesse trajeto, minhas utopias e a construção do meu imaginário interior de desejos e sonhos têm sido uma fonte constante de inspiração e renovação. Permitem que eu ganhe força ao me encontrar lutando em difíceis paisagens anteriores, e sobretudo me sustentam para que eu possa continuar lutando no mundo e por ele.

------------------------------------------------------------------------------------

**A família na construção do sentido: processos utópicos de envolvimento e responsabilidade com o meio**

*"[...] Sentido e significado nunca foram a mesma coisa. O significado fica-se logo por aí, é direto, literal, explícito, fechado em si mesmo, unívoco, por assim dizer, ao passo que o sentido não é capaz de permanecer quieto, fervilha de sentidos segundos, terceiros e quartos de direções irradiantes que se vão dividindo e subdividindo em ramos e ramilhos, até se perderem de vista."* José Saramago, no livro *Todos os nomes,* p.135

O ser-estar no mundo vem acompanhado da necessidade de construção de sentido sobre o que nos cerca, buscando fornecer explicações sobre o por quê de nossa existência e do papel e lugar que ocupamos. O sentido da vida nunca esteve separado do sentido do planeta, mas a crise política atual muito nos afastou, ao impor uma educação compartimentada e que não dialoga com o eu, da importância do aprendizado e do contato profundo com o meio.

A família, como instituição e referência de formação na infância, ocupa lugar de destaque nesse processo de afastamento. O estar em movimento, o "*desenraizar-se*", provocou a aceleração de concepções e o abalo das conexões do ser criança com seu universo circundante. Ao mesmo tempo em que somos cidadãos globais, em quem impera a necessidade de uma consciência de sustentabilidade planetária, perdemos o nosso *éthos* interior, nosso sentido de lugar, nossa ligação com o que fomos no passado e nossa responsabilidade perante o futuro.

Como indivíduos que não se veem mais como parte de um todo, sem nada a herdar ou a transmitir, somos empurrados para uma formação competitiva que nos coloca no impasse da mera sobrevivência individual, direcionada para os ganhos da vida privada, e para o pouco ou nenhum exercício do trabalho que dá sentido à nossa lógica de existência conjunta e harmoniosa no mundo.

Nesse universo, o professor figura como autoridade, em substituição ou acréscimo ao papel ocupado pelos pais, que visam proteger a criança em uma redoma de transmissão de valores que perpetuam nossa atual necessidade de proteger-nos um aos outros do que nem nós mesmo sabemos definir. Esse espanto, medo e incompreensão, entretanto, não estão pautados pela admiração e humildade sobre as questões que não conseguimos explicar, mas estão mergulhados em uma crise de concepções do que é atualmente viver e relacionar-se no mundo, partindo da esfera privada para a pública, tal como apontado por Arendt, e nos afastando da responsabilidade compartilhada sobre os rumos do planeta.

O ensinar e o aprender precisa vir carregado de diálogo, em um processo que é constantemente construído e reconstruído, permitindo-nos utopizar, sonhar, criar, questionar e problematizar a realidade. A família pode ser um dos alicerces desse diálogo ao transmitir práticas e saberes que possibilitem a conexão com o mundo tal como ele era no passado, na ânsia de transformarmos o sentido de nossas vidas para uma existência que permita que essas mesmas histórias e tradições continuem existindo, e para que possam também ser reconstruídas, reimaginadas e repensadas para uma nova forma de relação entre o ser humano e o lugar que ocupa.

O sentido de responsabilidade e o respeito por nossos antepassados e vidas futuras talvez sejam transformados quando passarmos a encontrar sentido na nossa ligação com o que nos rodeia e ao endereço que ocupamos. Tal como proposto na pedagogia Waldorf ou na ecopedagogia o que se apresenta diante de nós é o desafio de encarar a aprendizagem como processo de conexão de nós mesmos com a complexidade de conexões das diferentes formas de vida, em tomar o sentido das coisas a partir de nossas vidas cotidianas individuais voltadas para a coletividade.

Na pedagogia indígena *"Quando você ensina algo a alguém, está privando a pessoa da experiência de aprender isso. Você precisa tomar cuidado para não tirar essa experiência de ninguém".* Precisamos olhar a educação como forma de capacitar-nos a nós mesmos para o exercício do que adormece dentro de nós e só é despertado quando nos conhecemos profundamente. Uma educação que permita a experiência e a vivência como forma de nos relacionarmos positivamente e em construção entre nós e com o meio, construindo nossa identidade em comunidade. Uma educação que gere indagações, permita que questionemos a estrutura dominante e nos dê o papel de autoria e responsabilidade sobre nossas vidas e a vida na Terra. Só assim talvez poderemos caminhar rumo a um educar que impregne "*de sentido o que fazemos a cada instante*". (Freire).